

INFORME ECONÔMICO

■ GUILHERME BARROS

FH reúne turma do Plano Real

O presidente Fernando Henrique Cardoso reuniu na noite de quarta-feira, no Palácio da Alvorada, num descontraído jantar, uma boa parte da equipe original que criou o Plano Real. Estavam lá os economistas Pêrsio Arida, Edmar Bacha, André Lara Resende, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Gustavo Lóyola. O objetivo do jantar reunindo os economistas foi ajudar Fernando Henrique a pensar a longo prazo nos rumos da economia, depois de aprovada a reeleição. Fernando Henrique já trabalha com a perspectiva de seis anos de governo.

Um dos temas principais da conversa foi a aplicação dos recursos da privatização. Todos, sem exceção, condenaram a utilização dos recursos das vendas das estatais para se criar novas dívidas. Os economistas concordaram que era difícil para o governo convencer os políticos e a sociedade de que o dinheiro deveria ser utilizado apenas para pagar dívidas e não para se investir em infra-estrutura, mas foram apontadas algumas saídas. Pêrsio Arida lembrou uma de suas idéias antigas de que os recursos poderiam ser vinculados a passivos futuros, como da Previdência e do FGTS.

Os economistas ponderaram que não é que o país não deva investir em infra-estrutura. Pelo contrário. Só que os recursos para este fim deveriam vir da iniciativa privada e não do governo. Todos os presentes ao jantar enfatizaram a necessidade de um salto qualitativo do déficit público.

Não se deixou de falar, evidentemente, na CPI dos Precatórios. Para os economistas, esta pode ser uma boa oportunidade para se concluir a reforma do sistema financeiro. Uma das idéias apresentadas, por exemplo, foi de se acabar com as distribuidoras públicas. Os títulos, na opinião dos economistas, devem ser vendidos pela Secretaria do Tesouro e não por distribuidoras estaduais.

Como sobremesa, Bamerindus. Todos pediram pressa a Fernando Henrique para dar solução a este problema.

Uma associação de peso

O principal acionista da Caemi, Guilherme Frering, estará embarcando terça-feira para o Japão, onde vai fechar uma grande associação da principal subsidiária do grupo, a MBR. Por cerca de US\$ 200 milhões, a Caemi estará vendendo uma grande participação no controle acionário da segunda maior mineradora do país ao grupo japonês Mitsui. Os números ainda não foram definidos, mas, com o negócio, a Caemi deverá manter o controle da MBR com uma participação pouco acima da metade, e a Mitsui, que já detém 16% do capital votante, deverá ampliá-lo para algo em torno de 40%.

O negócio está sendo encarado na Caemi como a grande virada da empresa. Já há algum tempo, a holding vinha buscando um parceiro para se capitalizar e poder partir para novos investimentos. Afinal, nos últimos anos, não se pode dizer que a MBR estivesse apresentando resultados brilhantes. Pelo contrário. Para completar, os outros negócios do grupo, como o Projeto Jari, que é ligado a uma outra holding, a Jata, também não estavam caminhando bem. É bom ressaltar que os recursos obtidos pela Caemi na associação com a Mitsui não serão utilizados no Jari.

Na verdade, a MBR não tinha outra alternativa mesmo senão se associar com um grupo de fora. Dentro de pouco tempo, se a empresa já tinha concorrente de peso na Vale, a competição passará a ser ainda maior com sua privatização. A mineradora precisava mesmo de uma injeção forte de recursos para poder enfrentar os novos tempos. Por isso mesmo, os planos da MBR são mais ambiciosos. Faz parte da sua estratégia, a partir dessa associação, aumentar sua musculatura comprando outras mineradoras de menor porte no país.

A associação da MBR com a Mitsui também representa o fortalecimento da posição de Guilherme Frering à frente da Caemi na disputa pelo poder que trava com seu irmão Mário na condução do grupo. Guilherme sempre foi o maior defensor dentro da Caemi dessa estratégia de associações.